

Sexualidade e Relação de Gênero



Denise Pereira
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2019

Denise Pereira
(Organizadora)

Sexualidade e Relações de Gênero

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

S518 Sexualidade e relações de gênero [recurso eletrônico] / Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Sexualidade e Relações de Gênero; v. 1)

Formato: PDF

Requisito de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-047-6

DOI 10.22533/at.ed.476191601

1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Pereira, Denise.
II. Título. III. Série.

CDD 306.7

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO:

Cada vez mais a academia está avançando em pesquisas sobre Sexualidade e Relação de Gênero. No século XXI, a sexualidade é compreendida como algo fluído, que muda ao longo de toda uma vida, é pessoal/individual, cada um com a sua, não há certo ou errado, havendo possibilidades e é paradoxal, ou seja, é sempre diferente da sexualidade dos outros, sendo o traço mais íntimo do ser humano, manifestando-se diferentemente em cada indivíduo, de acordo com as novas realidades e as experiências vividas culturalmente.

E a relação de gênero refere-se às afinidades sociais de poder entre homens e mulheres, em que cada um tem seu papel social que é determinado pelas diferenças sexuais. Que segundo Scott, devemos compreender que “gênero” torna-se, antes, uma maneira de indicar “construções culturais” - a criação inteiramente social de ideias sobre papéis adequados aos homens e às mulheres.

O conceito de gênero que enfatizamos neste livro está ligado diretamente à história do movimento feminista contemporâneo, um movimento social organizado, usualmente remetido ao século XIX e que propõe a igualdade nas relações entre mulheres e homens através da mudança de valores, de atitudes e comportamentos humanos.

Neste livro são apresentadas várias abordagens sobre “Sexualidade e Relação de Gênero”, tais como: discussões de conceitos; modo de vida, violência, direitos, Lei Maria da Penha, homoparentalidade, emancipação feminina, transexuais, homossexuais, sexualidade infantil, sexualidade masculina, mulheres no cinema e no futebol, entre diversos outros assuntos.

Boa leitura
Denise Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	9
JUDITH BUTLER: PERFORMATIVIDADE, CONSTITUIÇÃO DE GÊNERO E TEORIA FEMINISTA	
Maria Irene Delbone Haddad	
Rogério Delbone Haddad	
DOI 10.22533/at.ed.4761916011	
CAPÍTULO 2	16
O DIREITO NÃO SOCORRE A QUEM EXPRESSA SUA SEXUALIDADE? ASSIMETRIAS JURÍDICAS ACERCA DAS MANIFESTAÇÕES DO SEXO NOS ÂMBITOS LEGISLATIVO E JUDICIÁRIO BRASILEIROS	
Fábio Periandro de Almeida Hirsch	
José Euclimar Xavier de Menezes	
DOI 10.22533/at.ed.4761916012	
CAPÍTULO 3	26
PROTEÇÃO PARA QUEM? LEI MARIA DA PENHA E AS MULHERES TRANS	
Saskya Miranda Lopes	
Bianca Muniz Leite	
DOI 10.22533/at.ed.4761916013	
CAPÍTULO 4	34
SEXUALIDADE DESVIANTE DE MARIA: UM CASO DE PERVERSÃO FEMININA	
Joice Cordeiro Dos Santos	
Giseli Monteiro Gagliotto	
DOI 10.22533/at.ed.4761916014	
CAPÍTULO 5	46
VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA MULHER: ATENDIMENTO NAS UNIDADES DE SAÚDE DO ESTADO DE RORAIMA	
Denison Lopes da silva	
DOI 10.22533/at.ed.4761916015	
CAPÍTULO 6	56
A EMANCIPAÇÃO DAS MULHERES POR MEIO DA EDUCAÇÃO: GARANTIA DE DIREITOS E AS COTAS NA UNIVERSIDADE	
Grazielly dos Santos Germano	
Kênia Gonçalves Costa	
DOI 10.22533/at.ed.4761916016	
CAPÍTULO 7	70
AS AÇÕES DE REQUALIFICAÇÃO CIVIL DE PESSOAS TRANSEXUAIS E O PAPEL DA DEFENSORIA PÚBLICA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (DPRJ)	
Mably Trindade	
DOI 10.22533/at.ed.4761916017	

CAPÍTULO 8 86

ATIVISMO E MARCOS LEGAL DA POPULAÇÃO LGBTQBTI: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Alberto Magalhães Pires
Carla Andreia Alves de Andrade
Charles Jefferson Cavalcanti da Silva
Esmeraldo Rodrigues de Lima Neto
Taiwana Batista Buarque Lira
Silvania Lucia da Silva Carrilho

DOI 10.22533/at.ed.4761916018

CAPÍTULO 9 95

A LEGALIDADE E LEGITIMIDADE DA APLICAÇÃO DA LEI MARIA DA PENHA NOS CASOS EM QUE FIGURE COMO VÍTIMA TRANSEXUAIS QUE MODIFICARAM SEU GÊNERO NO REGISTRO CIVIL SEM A REALIZAÇÃO DA NEOCOLPOVULVOPLASTIA

Alisson Carvalho Ferreira Lima
Naiana Zaiden Rezende Souza

DOI 10.22533/at.ed.4761916019

CAPÍTULO 10 106

BREVES REFLEXÕES SOBRE A VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR/DOMÉSTICAS CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES LÉSBICAS EM NITERÓI/RJ

Thaís Vieira Gaudard Curcio
Nivia Valença Barros
Joice da Silva Brum

DOI 10.22533/at.ed.47619160110

CAPÍTULO 11 119

DIREITOS LGBT EM PALCO DE DISPUTAS

Thaís Vieira Gaudard Curcio
Nívia Valença Barros

DOI 10.22533/at.ed.47619160111

CAPÍTULO 12 130

EMBATE DE MINORIAS: A IDENTIDADE DE GÊNERO NO SISTEMA PRISIONAL

Leandro Leite
Verônica Gesser
Bruna Roberta Wessner Longen
Everaldo de Souza

DOI 10.22533/at.ed.47619160112

CAPÍTULO 13 141

FEMINISMOS, DEFICIÊNCIAS E DIREITOS DAS MULHERES SURDAS

Keli Krause
Laura Cecilia López

DOI 10.22533/at.ed.47619160113

CAPÍTULO 14 150

NORMATIZAÇÃO DA SEXUALIDADE NOS DISCURSOS MÉDICOS EUROPEUS A PARTIR DO SÉCULO XVIII: A PROSTITUTA, UMA “ESPÉCIE SEXUAL”

Daniela Nunes do Nascimento

DOI 10.22533/at.ed.47619160114

CAPÍTULO 15 162

PODEMOS CONTAR? A POTÊNCIA DA NARRATIVA COMO FERRAMENTA METODOLÓGICA E DE ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA DE GÊNERO

Luanna Calasans de Souza Santana
Márcia Santana Tavares

DOI 10.22533/at.ed.47619160115

CAPÍTULO 16 169

BREVES REFLEXÕES SOBRE A VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR/DOMÉSTICA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES LÉSBICAS EM NITERÓI/RJ

Joice da Silva Brum
Nivia Valença Barros
Thaís Vieira Gaudard Curcio

DOI 10.22533/at.ed.47619160116

CAPÍTULO 17 175

A VIOLÊNCIA SOBRE OS CORPOS INFANTO-JUVENIS NA BAHIA, FEIRA DE SANTANA E SALVADOR, 1940-1960

Andréa da Rocha Rodrigues Pereira Barbosa

DOI 10.22533/at.ed.47619160117

CAPÍTULO 18 1822

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: PENSANDO NO AGRESSOR

Gabriela Alano Pamplona
Perla Alves Martins Lima
Adan Renê Pereira da Silva
Sharlenny Santos Alencar

DOI 10.22533/at.ed.47619160118

CAPÍTULO 19 198

PERCEPÇÕES DE MULHERES DA MESMA FAMÍLIA E DE DIFERENTES GERAÇÕES SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Michelle Araújo Moreira
Jéssica Suellen Barbosa Mendes Ramos

DOI 10.22533/at.ed.47619160119

CAPÍTULO 20 212

SEXO ABRIGADO: CUIDADOS DE PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA PARA INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

Milena Vaz Sampaio Santos
Jeane Freitas de Oliveira
Carle Porcino
Dejeane de Oliveira Silva
Lorena Cardoso Mangabeira Campos

DOI 10.22533/at.ed.47619160120

CAPÍTULO 21 220

REFLEXÕES ACERCA DA FALÁCIA DO BINARISMO ENTRE MASCULINO E FEMININO EM O MUNDO SE DESPEDAÇA

Ilauanna Teles Silva
José Carlos Felix

DOI 10.22533/at.ed.47619160121

SEXUALIDADE DESVIANTE DE MARIA: UM CASO DE PERVERSÃO FEMININA

Joice Cordeiro Dos Santos

Universidade Estadual do Oeste do Paraná –
UNIOESTE, Departamento de Pedagogia
Francisco Beltrão – PR

Giseli Monteiro Gagliotto

Universidade Estadual do Oeste do Paraná –
UNIOESTE, Departamento de Pedagogia
Francisco Beltrão – PR

RESUMO: O presente estudo de caso visa explicar os desvios sexuais de Maria como dimensão de seu psiquismo. Os atendimentos realizados totalizaram quarenta sessões, norteadas pelos princípios éticos da psicologia e conduzidas através da técnica de psicoterapia de orientação psicanalítica. Para embasar tal análise, apresenta-se a concepção psicanalítica sobre o desenvolvimento psicosssexual, a partir de Freud, acerca da perversão presente em sua obra como também, outros autores psicanalíticos contemporâneos. Aborda-se o desenvolvimento da estrutura de personalidade perversa na visão do autor Jean Bergeret. Desenvolve-se conceitos como: complexo de Castração, complexo de Édipo e pulsão sexual para esclarecer os desvios sexuais da paciente. Maria revela ter desejos sexuais sadomasoquistas; diz que o sexo tem de ser sujo e nada bonito; sua pulsão sexual não

está submissa à primazia genital, mas sim às formas parciais de obter prazer. Observou-se uma relação de simbiose da mãe para com a paciente, com exclusão do pai, aspectos estes que levaram a pulsão sexual de Maria a fixar-se nas fases pré genitais do desenvolvimento psicosssexual. Conclui-se, que os desvios sexuais da paciente representam uma fixação na fase anal sádica, resultando numa inibição do seu desenvolvimento psicosssexual, deixando uma marca do infantilismo no seu psiquismo.

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidade, Desenvolvimento Psicosssexual, Perversão, Psicanálise.

ABSTRACT: The present case study aims to explain the sexual deviations of Mary as a dimension of her psyche. The consultations carried out totaled forty sessions, guided by the ethical principles of psychology and conducted through the technique of psychoanalytically oriented psychotherapy. To support this analysis, he presents the psychoanalytic conception of psycho-sexual development, starting from Freud, about the perversion present in his work as well as other contemporary psychoanalytic authors. The development of the structure of perverse personality in the vision of the author Jean Bergeret is approached. Concepts such as: Castration complex, Oedipus complex and sexual instinct are developed to clarify the

sexual deviations of the patient. Maria reveals having sadomasochistic sexual desires; says that sex has to be dirty and not pretty; his sexual drive is not submissive to genital primacy, but to partial forms of pleasure. A symbiosis relationship was observed between the mother and the patient, excluding the father, which led to the sexual drive of Mary to be fixed in the pre-genital stages of psychosexual development. It is concluded that the sexual deviations of the patient represent a fixation in the sadistic anal phase, resulting in an inhibition of their psychosexual development, leaving a mark of infantilism in their psyche.

KEYWORDS: Sexuality, Psychosexual Development, Perversion, Psychoanalysis.

1 | INTRODUÇÃO

Nos *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade*, Freud compara a perversão a uma parada no desenvolvimento da pulsão sexual. Para ele, a disposição à perversão é como a disposição geral, original, da pulsão sexual, a qual só se torna normal devido a modificações orgânicas e a inibições psíquicas sucedidas ao logo de seu desenvolvimento. Portanto, cada desvio da vida sexual, nos parece desde o momento em que se fixou, como resultado de uma inibição do desenvolvimento, como uma marca do infantilismo. Assim, a pulsão sexual se decompõe, na infância, em pulsões parciais, que encontram sua fonte numa zona erógena determinada, as quais funcionam de uma maneira anárquica e auto erótica até a puberdade (CHASSEGUET-SMIRGEL, 1991).

Freud (2002) descreve as organizações pré-genitais da libido, as pulsões parciais se integrando sob a primazia de zona erógenas sucessivas (oral, anal, fálica). E somente na puberdade, depois de ter passado pelo período de latência, que a pulsão sexual se organizará sob a primazia genital. Quando esta primazia for alcançada, as pulsões parciais conhecerão os seguintes destinos: serão utilizadas no prazer preliminar, serão recalçadas, sublimadas ou entrarão na formação do caráter. Existe perversão, quando as pulsões parciais não atingem o estágio onde se subordinam à primazia genital. Sendo assim, o adulto perverso continua nas suas satisfações aparentemente anacrônicas que, pode-se dizer banalmente, não são mais para a sua idade.

Esse trabalho refere-se a um caso clínico de perversão feminina. O objetivo está em explicar os desvios sexuais da paciente como dimensão de seu psiquismo. Maria, sexo feminino, solteira, 22 anos de idade procurou por ajuda psicológica com o intuito de solucionar os sintomas de crises de ansiedade, ataques de pânico e raiva. Contudo no decorrer do processo psicoterápico, sintomas perversos foram surgindo como exibicionismo, voyeurismo, o gosto por fetiche, desejos sexuais sadomasoquistas com uso de fezes, urina e sangue de menstruação. Falava que quanto mais sujo fosse o sexo, mais prazerosa era a relação; insistia em afirmar que se tivesse algo de errado nisso, não gostaria de tratar, pois isso lhe proporcionava prazer.

Diante deste quadro, seria adequado tratar esses sintomas como algo

abomináveis, que deveriam ser reprimidos e punidos, dispensando a paciente do tratamento ou levar em consideração a sua organização psíquica e o seu legítimo direito de expressão? Dispensá-la do tratamento, implicaria na destituição da atitude de analista em benefício de seus sistemas de valores, suas preferências sexuais, opiniões políticas e convicções teóricas. Como analista, coube unicamente o fascínio diante da observação de como a relação da paciente com seus objetos se estendia ao conjunto de sua vida psíquica, de suas atitudes morais, religiosas, éticas, estéticas, ideológicas, até mesmo de sua concepção de mundo.

Nesse sentido, Chasseguet-Smirgel (1991) acrescenta que a terapia não é o fim derradeiro da atividade do psicanalista. Ela constitui-se como o melhor meio para ascender ao conhecimento dos processos psíquicos humanos. Freud sempre insistiu nos laços que une a pesquisa e a terapia em psicanálise; escreveu que o único objeto da psicanálise reside no estudo dos processos mentais dos seres humanos e é somente nos seres humanos que eles podem ser estudados

Assim, esta experiência clínica, se justifica, pelo fato de possibilitar o vislumbre de um caso clássico de perversão feminina, visto que na clínica psicanalítica, dificilmente o perverso procura por atendimento, como foi o caso da paciente em questão. Desta forma, o processo psicoterápico proporcionou, através do uso da teoria e da técnica psicanalítica, que a estrutura de personalidade perversa fosse revelada, compreendendo a partir desta, os comportamentos sexuais desviantes da paciente.

Ademais, a psicoterapia, além de proporcionar à paciente o alívio dos seus sintomas, tornou-se também um campo de pesquisa teórico clínico, através do qual pôde-se ampliar a visão acerca da sexualidade, compreendendo Freud, quando diz que a sexualidade é aberrante por si só, ao romper o vínculo entre a reprodução da espécie e o prazer sexual, como também seu postulado da sexualidade infantil como constituinte do aparato psíquico.

Os atendimentos foram realizados semanalmente, com duração de aproximadamente cinquenta minutos totalizando quarenta sessões, norteadas pelos princípios éticos da psicologia e conduzidas através da técnica de psicoterapia de orientação psicanalítica. Na sequência, aborda-se o desenvolvimento psicosexual e a perversão, a análise e a discussão do caso e para finalizar a conclusão obtida do caso em questão.

2 | O DESENVOLVIMENTO PSICOSSEXUAL E A PERVERSÃO

A sexualidade humana constitui-se o âmago da teoria psicanalítica. Freud ao investigar as pacientes histéricas, descobriu que a grande maioria dos desejos e pensamentos reprimidos, referiam-se a conflitos de ordem sexual, situados nos primeiros anos de vida do indivíduo, ou seja, na infância estavam experiências traumáticas, reprimidas, que caracterizava os sintomas atuais das pacientes. Constata

que tais experiências da vida infantil, deixam marcas profundas na estruturação da personalidade. Tais descobertas, levaram Freud a colocar a sexualidade no centro da vida psíquica e a desenvolver um dos conceitos mais importantes da teoria da psicanalítica: a sexualidade infantil; cujo suas afirmações tiveram profundas repercussões na sociedade da época pela concepção vigente de infância “inocente”. Para a Psicanálise a sexualidade:

[...] não designa apenas as atividades e o prazer que dependem do funcionamento do aparelho genital, mas toda uma série de excitações e de atividades presentes desde a infância que proporcionam um prazer irreduzível à satisfação de uma necessidade fisiológica fundamental (respiração, fome, função de excreção, etc.), e que se encontram a título de componentes na chamada forma normal do amor sexual (LAPLANCHE e PONTALIS, 2000, p. 476).

Nos *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade*, Freud escreveu que as necessidades sexuais, são representadas pela pulsão sexual. Tomou como exemplo a pulsão de nutrição, que é a fome, para designar a pulsão sexual de libido. Essa pulsão sexual libidinal, existe desde o princípio da vida, porém ela tem que percorrer um longo caminho até atingir seu objetivo final que é a união sexual. Assim, Freud introduz dois termos, objeto sexual, que é a pessoa da qual parte a atração sexual e o alvo sexual que é a ação à qual a pulsão é impelida. Ele afirma que há inúmeros desvios em relação a ambos, objeto sexual e alvo sexual, cuja a relação desses com a normalidade exige uma investigação detalhada (FREUD, 2002).

Ao falar dos desvios em relação ao alvo sexual, Freud (2002) expõe que é considerado como alvo a união dos genitais no ato designado como coito, que leva à descarga da tensão sexual e à extinção temporária da pulsão sexual. Contudo, enfatiza que até no ato sexual mais normal são reconhecíveis indícios daquilo, que, se desenvolvido plenamente, levaria às aberrações descritas como perversões. Citou as atividades preliminares, como o beijo, ligadas ao prazer que intensificam a excitação que deve durar até que se alcance o alvo sexual definitivo. Estão aí pois, os aspectos que possibilitam ligar as perversões à vida sexual normal. No entanto, as perversões são transgressões anatômicas quanto à região do corpo destinadas à união sexual, ou ainda, demoras nas relações intermediárias com o objeto sexual, as quais normalmente seriam percorridas com rapidez rumo ao alvo sexual final.

De acordo com GAGLIOTTO, et al (2012) Freud ao escrever acerca da sexualidade infantil, destaca a importância dos primeiros anos de vida da criança para a origem de certos fenômenos importantes dependentes da vida sexual. Desde então, não deixou de trazer o fator infantil da sexualidade para o primeiro plano. Sinaliza, com grande ênfase, que a sexualidade nasce, paralelamente, a uma função vital, biológica; no entanto, é uma atividade que se estende para além de uma necessidade vital, diferenciando-a. Nesse sentido encontra-se a atividade de manar do bebê como gênese da sexualidade, Num primeiro momento a sucção, compreendida como reflexo, biologicamente herdado, tem como objetivo saciar a fome, contudo, vinculado a esse prazer de saciar a fome, encontra-se um prazer paralelo, ou seja, o prazer sexual.

Esse prazer se vincula à atividade de sucção e a transforma numa atividade sexual. O prazer em si, nasce da excitação do contato da boca do bebê (sua erógena por excelência) com o seio materno

Está claro, além disso, que o ato da criança que chucha é determinado pela busca de um prazer já vivenciado e agora lembrado. No caso mais simples, portanto, a satisfação é encontrada mediante a sucção rítmica de alguma parte da pele ou da mucosa. É fácil adivinhar também em que ocasiões a criança teve as primeiras experiências desse prazer que agora se esforça por renovar. A primeira e mais vital das atividades da criança – mamar no seio materno (ou em seus substitutos) – há de tê-la familiarizado com esse prazer. Diríamos que os lábios da criança comportaram-se como uma zona erógena, e a estimulação pelo fluxo cálido de leite foi sem dúvida a origem da sensação prazerosa. A princípio, a satisfação da zona erógena deve ter-se associado com a necessidade de alimento. A atividade sexual apoia-se primeiramente numa das funções que servem à preservação da vida, e só depois torna-se independente delas (FREUD, 2002: 59-60).

Laplanche e Pontalis (2001), definem a zona erógena como qualquer região do cutâneo-mucoso, apta de se tornar sede de uma excitação do tipo sexual. De maneira mais específica, certas regiões são funcionalmente sedes dessas excitações: zona oral, anal, uretro-genital e mamilo. Lembrando que para Freud, a palavra sexual não significa genital e o qualitativo de genital só se aplica a certas manifestações da sexualidade, as mais tardias e complexas do desenvolvimento do indivíduo. Mas o hedonismo da criança, a “busca de prazer” (significado da palavra sexual para Freud), desperta externamente cedo (DOLTO, 1971).

A autora supracitada colabora ao afirmar que as pulsões sexuais libidinais, estão sujeitas à repetição. O prazer obtido com a excitação ritmada de uma qualquer zona corporal deve ser qualificado como sexual, mesmo quando não visa a união de dois gametas. Portanto, o princípio da pulsão sexual que visa, na infância a excitação das zonas erógenas, não difere daquele, que mais adiante, estará vinculado à vida genital do adulto. Assim, a sucção do recém-nascido (fora das mamadas), sucede a sucção do polegar, da ponta do lápis, do cigarro, e o beijo, ato hedonista, ao qual não se pode negar o qualitativo de erótico. Com efeito, o critério afetivo, constitui-se como o melhor critério para o desenvolvimento humano, isto é; o comportamento do indivíduo em relação aos seus objetos de amor.

Nesse sentido, Rappaport (1981) escreve que a libido é a energia afetiva original que sofrerá progressivas organizações durante o desenvolvimento, cada uma delas suportadas por uma organização biológica emergente no período. Uma fase de desenvolvimento psicosexual, se define como a organização da libido em torno de uma área erógena, dando uma fantasia básica e uma modalidade de relação objeto. A primeira etapa da organização da libido, recebe o nome de fase oral (0 a 1 ano) a boca se constitui como a zona erógena que de maneira primaz experimenta a libido oral e suas gratificações, como é no ato da amamentação. A finalidade da libido oral, além da gratificação pulsional, também visa a incorporação, a qual está a serviço da identificação. É através da boca que se dá a intermediação do mundo interno com o

externo (ZIMERMAN, 1999).

Na fase anal (1 a 3 anos) o ânus passa a ser a zona erógena. O controle esfíncteriano representa um modelo de como se processa o controle motor geral. O valor da matéria fecal adquire a significação de uma troca entre a criança e o mundo exterior. Na fase anal expulsiva a criança pode proporcionar ao mesmo tempo um prazer auto erótico e de um presente para os pais, quando também pode representar uma manifestação sádico-anal. Na fase anal retentiva, a mucosa anal pode ser prazerosamente estimulada tanto pela expulsão como para a retenção das fezes, surgem sentimentos ambivalentes (ZIMERMAN, 1999).

Na fase fálica (3 a 6 anos), o prazer origina-se predominantemente pela excitação das mucosas genitais. A tarefa básica consiste em organizar os modelos de relação entre o homem e a mulher. Há uma curiosidade natural da criança em relação as diferenças dos sexos. A criança imagina o que se passa no quarto fechado dos pais (cena primária) fica muito excitada e usa o recurso da repressão. Neste período ocorre o Complexo de Édipo, definido como o conjunto de desejos amorosos e hostis que a criança experimenta com relação aos seus pais. Considerado núcleo central na estruturação da personalidade neurótica (ZIMERMAN, 1999).

Por volta dos seis anos de idade, a criança entra no período de latência; ocorre a repressão da sexualidade infantil e se estrutura um reforço de aquisição do ego, ocasionando a sublimação das pulsões, por meio de atividades normais (sociais, estudar, praticar esportes, etc.) para crianças dessa idade, período que consolida a formação do caráter. Na sequência, com a puberdade e a adolescência, ocorre a maturação fisiológica do aparelho sexual, trata-se de um período de transformação, portanto de crise. Pode-se dizer, que além das transformações na anatomia e fisiologia corporal, as transformações também são de natureza psicológica, muito especialmente o da busca de uma identidade individual, grupal e social. Por fim, atingir a fase genital corresponde alcançar o pleno desenvolvimento do adulto normal, em que as adaptações biológicas e psicológicas foram realizadas e o indivíduo é capaz de amar num sentido genital amplo, de definir um vínculo significativo e duradouro. O prazer oriundo de sua capacidade orgástica é o componente fundamental de sua capacidade de amar (RAPPAPORT, 1981).

As etapas evolutivas do desenvolvimento psicosexual da criança não são estanques, elas se transformam, superpõem e interagem permanentemente entre si. Os diferentes momentos evolutivos deixam impressos no psiquismo aquilo que Freud denominou de pontos de fixação, que ocorre devido à exagerada gratificação ou frustração de uma determinada “zona erógena”. Os afetos primitivos sofrem sucessivas transformações psíquicas, que ficam presentes ou representados no inconsciente, em direção aos quais qualquer sujeito pode fazer um movimento de regressão (ZIMERMAN, 1999).

Para Freud (2002), a disposição à perversão é como a disposição geral, original, da pulsão sexual, a qual só se torna normal devido a modificações orgânicas e a

inibições psíquicas sucedidas ao logo de seu desenvolvimento. Cada desvio da vida sexual, nos parece desde o momento em que se fixou, como resultado de uma inibição do desenvolvimento, como uma marca do infantilismo. Como visto, é somente na puberdade, depois de ter passado pelo período de latência, que a pulsão sexual se organizará sob a primazia genital. Quando esta primazia for alcançada, as pulsões parciais conhecerão os seguintes destinos: serão utilizadas no prazer preliminar, serão recalçadas, sublimadas ou entrarão na formação do caráter. Existe perversão, quando as pulsões parciais não atingem o estágio onde se subordinam à primazia genital. Deste modo, o adulto perverso continua nas suas satisfações aparentemente anacrônicas que, pode-se dizer banalmente, não são mais para a sua idade.

3 | ANÁLISE E DISCUSSÃO DO CASO

Destaca-se que o manejo técnico na transferência foi o ponto chave para compreender o dinamismo psíquico da paciente e a revelação da perversão. Por fenômeno transferencial Zimernan (1999) conceitua como o conjunto de todas as formas pelas quais o paciente vivência com a pessoa do analista, na experiência emocional da relação analítica, todas as representações que ele tem do seu próprio self, as relações objetais que habitam o seu psiquismo, como também, os conteúdos que estão organizados como fantasias inconscientes, com as respectivas distorções, de maneira a permitir interpretações do analista, as quais possibilitem a integração do presente com o passado, o imaginário com o real e o inconsciente com o consciente.

Sendo assim, a partir da 23ª sessão, Maria começa a trazer consigo um copo de café para tomar durante o atendimento, repetindo o mesmo comportamento na sessão posterior. Na sessão seguinte traz um copo de café e um X-tudo para comer durante o atendimento. Em momento algum pediu licença à terapeuta para comer. Comportou-se como se tivesse liberdade para tal, anulando a presença da terapeuta.

Quanto a esses fenômenos que acontecem no campo analítico Zimernan (1999) escreve que em relação ao setting, o ataque ao enquadre se dá mais contra os lugares e papéis que respectivamente, devem caber ao paciente e ao analista e que o paciente perverso procura subvertê-los. Portanto, é útil que o analista se pergunte, qual é o papel que o paciente está querendo colocar nele.

Assim, a terapeuta interpretou que a paciente estava transferindo a ela o papel da mãe que nunca havia lhe frustrado. Posicionou-se então, colocando limites à paciente quanto às regras do contrato terapêutico acordado, entre elas, no início do tratamento. Maria não havia faltado à nenhuma sessão, no entanto após ser frustrada pela terapeuta quanto à possibilidade de não poder mais lanchar durante os atendimentos, faltou à sessão posterior e tentou perverter os horários das sessões seguintes. Ao comparecer exigiu que a terapeuta dessas explicações quanto aos limites anteriormente colocados a ela. Maria falou que não via problema algum em lanchar dentro do consultório e se fosse possível gostaria de continuar com essa atitude, até porque se tinha feito isso,

fora a terapeuta que havia lhe dado liberdade para isso. Tais atitudes da paciente denotam uma recusa em relação à castração, visto que transfere a responsabilidade de seus atos à terapeuta culpabilizando-a. Ademais, mesmo após terem sido mantidas as regras quanto ao enquadre terapêutico, Maria insistia em lanchar durante as sessões. Tal atitude demonstra um modo dual de relação com o objeto, evidenciando a falta de elaboração do complexo de Édipo.

Nesse sentido, Millot (2001) destaca que o complexo de Édipo consiste na superação da relação dual da criança com a sua mãe e no acesso à ordem simbólica, para tal requer-se a existência de um terceiro na relação que introduza e garanta essa ordem. A função paterna está incumbida de garantir esta ordem, visto que o pai constitui, para criança, a referência a uma lei que vale para todos. Lei que se impõe à mesma na medida em que é reconhecida pela mãe. A não introdução em uma ordem que ultrapassa e põe fim à relação dual entre o filho e a mãe, resulta em uma relação dual abandonada ao capricho e à desmura.

Portanto, é imprescindível que a criança passe por esse processo de castração, visto que ao nascer, se encontra numa relação de plenitude com a mãe (figura que corresponde aos cuidados necessários e estabelece com a criança o vínculo primário). Para Freud, existe a necessidade de construção e fortalecimento deste vínculo afetivo inicial para o bom desenvolvimento psicológico da criança. No entanto, não tarda a advertir que essa relação de plenitude, na qual a criança é tudo para a mãe e a mãe é tudo para ela deva ter um limite. É necessário que exista um terceiro elemento, o pai que chame atenção da mãe para fora dessa situação harmônica e de completude. A importância disso está em proporcionar à criança uma independência emocional que garanta a qualidade de suas relações sexuais e sociais futuras (GAGLIOTTO, et al 2012).

Lacan enfatiza a função paterna porque opera a castração que lança o sujeito no mundo simbólico e na relação objetiva. Entretanto, essa função passa, necessariamente, pela figura materna que necessita aceitar a lei imposta pelo pai (tabu do incesto). A ruptura que a função paterna executa nem sempre virá do pai real ou de outra figura masculina, mas de tudo o que separa o desejo da mãe, liberando a criança como ser desejante, ou como sujeito psíquico. Qualquer atividade que a mãe desempenhe com prazer que desfoque sua atenção da criança pode cumprir uma função do pai (GAGLIOTTO, et al 2012).

No caso de Maria, essa relação de plenitude se mantinha. Durante a sessão realizada com seus pais, a mãe se mostrou simbiótica, narcisista, engrandecia a filha, usando-a como uma mera extensão sua, impedindo o pai de entrar nesta relação. Toda vez que a terapeuta se dirigia ao pai, no intuito de dar voz a ele sobre os comportamentos da filha, a mãe cortava-o, desfazendo suas colocações. A mãe afirmava que mesmo quando Maria chegasse aos 50 anos de idade, iria continuar tratando-a como se fosse aquele bebê indefeso de quando nasceu. Segundo Chasseguet-Smirgel (1991) a sedução da mãe é um dos motivos que pode desencorajar o desenvolvimento

da criança, ao anular o seu desejo de tornar-se grande, provocando assim, um estaqueamento da libido e sua paralisação em um momento do tempo.

Os aspectos como a gravidez não desejada, idade avançada, nascimento prematuro e sem esperança de vida, bem como, a presença de um pai rígido e religioso, contribuíram para uma relação simbiótica entre mãe e filha, com exclusão do pai. Fatores estes que podem ter impedido a resolução do complexo de Édipo, levando a paciente a manter uma relação dual com seus objetos. Tanto que a sensação vivenciada pela terapeuta no momento que cumpre a função do pai, colocando Maria frente à castração é de estar diante de uma criança de três anos.

De acordo com Dolto (1971) castração significa, na linguagem corrente, destruição das glândulas genitais, supressão das necessidades sexuais e do comportamento concomitante. No entanto, para Freud, o termo sexual não alude, exclusivamente, às manifestações relacionadas com o ato genital da procriação e sim, engloba tudo o que diz respeito à busca do prazer. Logo, castração no sentido psicanalítico, significa frustrações das possibilidades de busca de prazer. Assim, o manejo na transferência colocou a paciente frente à possibilidade de perder suas formas de obter prazer, o que a levou a uma tentativa de provar que a castração não existe. Maria passou a sustentar um discurso de que seus desejos sexuais são, para as pessoas ditas normais, um tanto quanto estranhos. Disse não ter revelado à terapeuta, anteriormente, por medo de que esta achasse uma razão científica que provasse que seus desejos sexuais eram errados. Enfatizava, em sua fala, que se tivesse algo de errado na sua forma de vivenciar a sua sexualidade, não gostaria de tratá-lo em terapia, pois para ela, o tratamento colocaria em risco as suas formas de sentir prazer. Expunha que seu namorado, com o qual mantinha um relacionamento poligâmico, não lhe proporcionava todo o prazer. Relatava sentir muito prazer quando haviam pessoas lhe observando ao fazer suas necessidades fisiológicas; para ela não haveria necessidade de portas e chaves nos banheiros. Falava não saber porque as pessoas têm tanto nojo do sangue da menstruação, sendo este tão inofensivo, pois para ela era prazeroso tomar banho e ver este sangue escorrer por entre as suas pernas; usar o sangue para escrever nas paredes do banheiro. Revelava, ainda um desejo de ser admirada e, para tal, exibia fotos sensuais suas em grupos de redes sociais.

Seguia dizendo que estava se relacionando, virtualmente, com uma pessoa, a qual tem lhe proporcionado todo prazer, visto que ela tem feito propostas estranhas a essa pessoa, a qual aceita e rebate com uma proposta mais estranha ainda. Maria contava que esse tipo de conversa deixava sua libido em alta, lhe proporcionando todo o prazer. Dentre essas propostas estranhas, estava a compra de lingerie para ser usada no dia do encontro programado por eles, tal qual um fetiche. Não tomar banho uns quatro dias antes do encontro. Ser amarrada, enquanto essa pessoa a dominava fazendo tudo o que não lhe agradava. Em seguida, trocavam de papéis. Fazia parte do acordo entre eles que Maria ficaria de joelhos enquanto essa pessoa urinava sobre seu corpo, como forma de humilhação. Em outra ocasião, relatou estar ela e mais alguns

colegas numa roda de conversas, quando um menino compartilha suas experiências sexuais ocorridas na noite anterior. Maria o interrompe para dizer que também sentiu prazer com ele naquela manhã, no momento em que estava defecando. Disse que enquanto seu cocô passava pelo orifício anal, pensou nele e teve orgasmo, uma vez que seu cocô equivalia ao pênis do menino.

A partir destes relatos e outras situações transferenciais, vivenciadas no setting terapêutico, observou-se que a pulsão sexual da paciente continuava sendo parcial, isto é; sua busca de prazer não estava submetida à primazia genital e sim, às suas formas parciais, mais precisamente, ligada à zona erógena anal, que mantinha Maria fixada na fase sádico anal do desenvolvimento psicosssexual. Nesse sentido, Chasseguet-Smirgel (1991) afirma que a abolição de todas as diferenças de sexos e gerações é próprio da fase sádico anal. Portanto, de início a criança obtém satisfação no próprio corpo e, por isso não enfrenta a situação de frustração que a instauração do princípio da realidade cria. Mais adiante, quando surgirem os processos que consistem em encontrar um objeto, haverá uma longa interrupção, em decorrência do período de latência, que retardará o desenvolvimento da sexualidade até a puberdade. A autora emite a hipótese de que o futuro perverso transpõe essa ausência de frustração do domínio do autoerotismo (em que a satisfação é realmente possível) para o domínio objetual, mais precisamente, para a situação edipiana, na qual a satisfação é ilusória. Esta ilusão é mantida, desprezando a verdade sexual, a de complementariedade dos sexos dos pais, fato este que pôde ser observado quando a paciente equivale suas fezes ao pênis do menino.

Para Freud, a aquisição do princípio da realidade, em matéria sexual, está vinculada de modo implícito ao reconhecimento do coito genital, das prerrogativas paternas e da dimensão genital da sexualidade, inacessível à criança antes da puberdade. Assim, o processo de substituição de uma satisfação auto erótica imediata ligada ao objeto sexual, graças à fantasia que é o meio neurótico de evitar o adiamento, nos parece ser substituído, no perverso, pela regressão que consegue conduzir ao domínio sádico-anal, processo que não apenas permite evitar o adiamento da satisfação, como abolir a própria noção de adiamento, enquanto a dimensão genital da psicosssexualidade desaparece. Desta forma, a redução dos objetos mais singulares, num magma indiferenciado (análogo ao bolo fecal), expressa a própria essência do sadismo. Tudo se passa como se a equação pênis = filho = fezes fosse tomada ao pé da letra, reduzindo o pênis às fezes (pênis genital ao pênis anal) e permitindo evitar o confronto com o medo da castração (CHASSEGUET-SMIRGEL, 1991).

Desse modo, a paciente apresentou características de personalidade que se enquadram numa organização limítrofe, direcionada para o ordenamento perverso. Ao falar de organização limítrofe, Bergeret (1991) ensina que o ego superou sem frustração nem fixação, suficientemente, grandes no momento em que as relações iniciais e precoces muito más com a mãe poderiam ter levado a uma pré organização do tipo psicótica. O ego continua seu caminho sem empecilho rumo ao Édipo que

subitamente, é antecipado. Por isso, essa situação relacional triangular e genital não pode ser abordada em condição normal. O Édipo antecipado é vivenciado como uma frustração intensa, como um risco de perda do objeto, cujo o autor denominou de trauma psíquico precoce, o qual desempenhará o papel de primeiro desorganizador da evolução do indivíduo. Tal bloqueio evolutivo, da maturidade afetiva do ego, no momento em que ainda não está sexualmente diferenciado, constitui o tronco comum dos estados limítrofes. Dele partem ordenamentos, quer em direção à estrutura neurótica, quer rumo à estrutura psicótica, conduzindo a soluções muito mais estáveis e duradouras.

Dentre esses encontra-se o ordenamento perverso que é resultante de um longo caminho para o protogenital, sob o abrigo e a excitação parental, geralmente, materna, que leva aos poucos o indivíduo a bancar o genital sem tê-lo. Nessa organização, a angústia depressiva encontra-se evitada devido ao êxito de uma negação que incide apenas sobre uma parte muito focalizada do real, o sexo da mulher. Esse objeto parcial não deve existir ao mesmo tempo que o objeto fálico, cuja falta corresponde encontrar-se intensa e completamente superinvestido no registro narcisista.

4 | CONCLUSÃO

Conclui-se que os desvios sexuais da paciente representam uma fixação na fase anal sádica, que resultam numa inibição do seu desenvolvimento psicosexual; que representa a marca do infantilismo no seu psiquismo.

Assim sendo, sua organização psíquica funciona com base em um ideal de ego, narcisista, maternal e fálico. Como ela não conseguia reparar, de maneira conveniente, seu narcisismo, nem encontrar um objeto total e elaborar processos secundários de maneira eficaz, recorre a satisfações bastante incompletas, com objetos parciais e zonas erógenas parciais. Pelos mesmos motivos não deixa de obedecer aos impulsos, de forma imediata e sem amanhã, sendo regida pelos processos primários. Maria idealiza a sexualidade pré-genital, as zonas erógenas, tais como elas, primitivamente, lhe foram apresentadas, com os objetos parciais e, à mercê do recurso defensivo da recusa (denegação). Apresenta uma compulsão a idealizar, com a pretensão de impor às outras pessoas suas ilusões. O uso excessivo deste mecanismo de recusa prejudica o emprego de uma repressão útil, o que afeta a elaboração edípica, o que resulta num borramento dos limites e das limitações, o que, por sua vez, determina um não reconhecimento das diferenças relativas ao sexo, gerações, capacidades, ocupações de lugares, hierarquia e obediência às leis.

REFERÊNCIAS

BERGERET, J. **Personalidade Normal e Patológica**. 2ª Ed.: Porto Alegre, 1991.

CHASSEGUET-SMIRGEL, J. *Ética e Estética da Perversão*. Porto alegre: Arte Médica, 1991.

DOLTO, F. **Psicanálise e Pediatria**. 4ª Ed.: Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1971.

FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Tradução de Paulo Dias Corrêa. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

GAGLIOTTO, G. M.; BERTÉ, R.; LUZ, E. da; OLIVEIRA, G. C. de. *Psicanálise e Educação ou Psicanálise de Encontro à Educação? Considerações psicanalíticas sobre a sexualidade, a afetividade e o desejo de aprender*. Revista de Educação Educere et Educare, Cascavel- PR, v.7, nº14, p.109-125, jul. /dez, 2012.

MILLOT, C. **Freud Antipedagogo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

RAPPAPORT, C. R. **Psicologia do desenvolvimento**. SÃO PAULO: E.P.U., 1981.

ZIMERMAN, D. E. **Fundamentos Psicanalíticos: teoria, técnica e clínica**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-047-6

